



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

A RESILIÊNCIA FEMININA NA LITERATURA SOBRE AS DITADURAS NO BRASIL E ARGENTINA: UMA ANÁLISE DE *VOLTO SEMANA QUE VEM*, DE MARIA PILLA

Ana Paula Donida¹
Sérgio Roberto Massagli²

INTRODUÇÃO

As ditaduras civil-militares na América do Sul produziram profundas marcas políticas, sociais e subjetivas, cujos efeitos continuam sendo elaborados pela literatura contemporânea. Nesse contexto, a escrita feminina assume papel fundamental na construção da memória sobre os regimes autoritários, sobretudo ao evidenciar experiências historicamente silenciadas, como o exílio, a violência de gênero e as formas cotidianas de resistência.

A literatura torna-se, assim, um espaço de rememoração e enfrentamento do apagamento histórico. É nesse cenário que se insere *Volto semana que vem*, da escritora Maria Pilla, obra que retrata experiências de prisão, exílio e militância política entre Brasil, Argentina e França durante as ditaduras brasileira (1964–1985) e argentina (1976–1983). A narrativa, construída de forma fragmentada, evidencia tanto as marcas da violência de Estado quanto às estratégias de sobrevivência e resistência feminina.

A pesquisa parte da problemática de compreender como Maria Pilla representa a resiliência feminina diante do exílio e da repressão política. A hipótese defendida é a de que a resiliência, na obra, manifesta-se não como heroísmo individual, mas como prática cotidiana construída por meio da memória, dos afetos e das redes de solidariedade.

Desse modo, o objetivo do trabalho é analisar como o romance articula memória, testemunho e resistência feminina durante as ditaduras do Cone Sul. Para isso, a pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, apoiada nos estudos de Beatriz Sarlo, Márcio Seligmann-Silva, Walter Benjamin e Jeanne Marie Gagnebin sobre memória, testemunho e narração.

A relevância da pesquisa está na ampliação dos estudos sobre literatura feminina e ditadura na América Latina, contribuindo para a valorização de narrativas que resistem ao esquecimento histórico e preservam experiências frequentemente marginalizadas pelas narrativas oficiais.

1 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter teórico e bibliográfico, desenvolvida a partir da análise do romance *Volto semana que vem*, da escritora Maria Pilla. A investigação possui fins exploratórios e descritivos, buscando compreender como a narrativa constrói representações da resiliência feminina em contextos de violência política, exílio e repressão durante as ditaduras do Cone Sul.

¹ Acadêmica do Curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura, 9º fase. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus Realeza*. ana.donida@estudante.uffs.edu.br

² Doutor em Estudos Literários. Orientador. Professor do Curso de Letras Português e Espanhol – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus Realeza*. sergio.massagli@uffs.edu.br

A pesquisa fundamenta-se na documentação indireta, por meio de levantamento bibliográfico e documental.

O *corpus* principal é composto pelo romance de Maria Pilla, articulado a referenciais teóricos sobre memória, testemunho, literatura de resistência e escrita feminina. Entre os principais autores mobilizados estão Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin, Beatriz Sarlo, Márcio Seligmann-Silva e Eurídice Figueiredo.

O método de abordagem adotado é o hipotético-dedutivo, partindo da hipótese de que a resiliência feminina na obra manifesta-se como prática cotidiana de resistência construída por meio da memória, dos afetos e das redes de solidariedade. Quanto aos métodos de procedimento, utilizam-se os métodos bibliográfico, histórico e interpretativo-comparativo, por meio da análise textual dos elementos narrativos da obra, como a fragmentação da memória, os silêncios e as formas de resistência feminina presentes na narrativa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa fundamenta-se nos estudos sobre memória, testemunho e literatura relacionados às experiências traumáticas das ditaduras latino-americanas. Para compreender como *Volto semana que vem* constrói representações da resistência e da resiliência feminina, o trabalho articula principalmente as contribuições de Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin e Beatriz Sarlo, além de autores como Márcio Seligmann-Silva e Eurídice Figueiredo.

As reflexões de Walter Benjamin constituem uma das bases centrais da pesquisa, especialmente no que se refere à relação entre memória, história e narração. O autor critica a ideia de uma história linear e oficial, defendendo a recuperação das vozes silenciadas pelos processos históricos.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'tal como ele propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. (Benjamin *apud* Gagnebin, 2006, p. 39).

A partir dessa perspectiva, a literatura pode ser entendida como espaço de resistência ao apagamento histórico. Em *Volto semana que vem*, essa concepção manifesta-se na estrutura fragmentada da narrativa, marcada por lembranças descontínuas, silêncios e deslocamentos. As contribuições de Jeanne Marie Gagnebin aprofundam essa discussão ao compreender a narração como forma de resistência e rememoração. Segundo a autora, a memória se constrói a partir de rastros e fragmentos deixados pela experiência traumática.

As palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje. (Gagnebin, 2006, p. 48).

No campo dos estudos sobre memória e testemunho, destacam-se as reflexões de Beatriz Sarlo. Para a autora, o testemunho não representa uma reprodução fiel do passado, mas uma reconstrução subjetiva atravessada pela linguagem e pelas limitações da memória.

O testemunho é uma narração em primeira pessoa, que se pretende fiel aos fatos, mas que é, inevitavelmente, uma construção subjetiva. A memória não reproduz o passado; ela o reconstrói com as ferramentas do presente. (Sarlo, 2007, p. 24).

Sarlo também destaca os limites da memória enquanto forma de reconstrução histórica.

A memória pode ser tão enganosa quanto a imaginação. Ela seleciona, esquece, distorce, recombina. Não há nenhuma razão para atribuir à memória uma fidelidade maior do que àquela que se atribui a outras fontes. (Sarlo, 2007, p. 33).

Essas reflexões permitem compreender que a narrativa de Maria Pilla elabora literariamente experiências marcadas pelo trauma, pelo exílio e pela fragmentação da memória. A pesquisa também dialoga com os estudos de Márcio Seligmann-Silva sobre literatura de testemunho e com Eurídice Figueiredo, que compreende a literatura como um “arquivo sensível” da ditadura.

Desse modo, os referenciais teóricos possibilitam compreender *Volto semana que vem* como uma narrativa de testemunho e resistência, na qual memória, escrita feminina e experiência traumática articulam-se na construção da resiliência diante das violências das ditaduras do Cone Sul.

3 ANÁLISE

A narrativa de *Volto semana que vem* constrói uma representação da experiência ditatorial marcada pela fragmentação da memória, pelos deslocamentos e pelas formas cotidianas de resistência feminina. Diferentemente das narrativas tradicionais sobre a militância política, a obra de Maria Pilla desloca o foco para as experiências subjetivas do exílio, da prisão e da violência de Estado, evidenciando os afetos, os silêncios e as marcas deixadas pelo trauma.

A estrutura fragmentada do romance, organizada por datas e lugares, aproxima-se da concepção de memória discutida por Walter Benjamin e Jeanne Marie Gagnebin, segundo a qual o passado é reconstruído por meio de rastros e fragmentos. Dessa forma, as lacunas narrativas e os silêncios presentes na obra não representam falhas, mas marcas da violência produzida pelas ditaduras do Cone Sul.

Ao longo da narrativa, a resistência feminina aparece associada às pequenas práticas de sobrevivência cotidiana, como compartilhar histórias, cozinhar, escrever cartas e manter vínculos afetivos mesmo em situações extremas. Um dos exemplos mais significativos dessa resistência ocorre durante as sessões de cinema realizadas entre as mulheres presas:

O grande Gatsby não é um grande filme, mas foi minha última ida ao cinema antes da detenção. Todo fim de semana tínhamos sessão de cinema, e no sábado seguinte eu contaria esse filme. Já tínhamos escutado vários. Profumo di donna era o meu favorito; falava muito em odores, nossa grande carência naquele lugar. Éramos catorze num espaço retangular com beliches. Uruguaias, argentinas e eu. (Pilla, 2015, p. 8).

Nesse trecho, percebe-se que a narração dos filmes funciona como forma de resistência simbólica e preservação da humanidade dentro do cárcere. A memória

compartilhada transforma-se em mecanismo de sobrevivência coletiva diante da repressão e da tentativa de apagamento das subjetividades femininas.

Além disso, a obra evidencia como o corpo e a experiência feminina foram atravessados pela violência política, afastando-se das representações heroicas da militância e privilegiando experiências marcadas pela vulnerabilidade, pelo trauma e pela reconstrução da identidade no exílio.

Assim, *Volto semana que vem* pode ser compreendido como um “arquivo sensível” da ditadura, preservando memórias e experiências frequentemente silenciadas pelas narrativas oficiais.

Desse modo, a análise demonstra que a resiliência feminina na obra manifesta-se não como heroísmo individual, mas como prática coletiva construída por meio da memória, dos afetos e das redes de solidariedade estabelecidas em contextos de violência e repressão política.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou analisar como Maria Pilla, em *Volto semana que vem*, constrói literariamente representações da resistência e da resiliência feminina diante das experiências de exílio, prisão e violência política durante as ditaduras do Cone Sul. A partir das reflexões teóricas de Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin e Beatriz Sarlo, foi possível compreender a literatura como espaço de memória, testemunho e resistência ao apagamento histórico. A análise demonstrou que a narrativa de Maria Pilla se estrutura de maneira fragmentada, marcada por silêncios, lembranças descontínuas e deslocamentos, elementos que refletem as marcas do trauma e da violência de Estado.

Além disso, verificou-se que a resistência feminina na obra não aparece associada ao heroísmo individual, mas às pequenas práticas cotidianas de sobrevivência, aos afetos e às redes de solidariedade construídas entre mulheres em contextos de repressão.

Desse modo, o estudo permitiu responder à problemática proposta, evidenciando que a resiliência feminina em *Volto semana que vem* manifesta-se como uma construção coletiva e subjetiva, elaborada por meio da memória, da escrita e da preservação dos vínculos humanos diante da violência política. A pesquisa também contribui para ampliar os estudos sobre literatura feminina e ditadura na América Latina, valorizando narrativas frequentemente marginalizadas pelas versões oficiais da história.

Por fim, considera-se que a investigação abre possibilidades para futuras pesquisas voltadas às narrativas femininas de testemunho produzidas no contexto das ditaduras latino-americanas, especialmente no que se refere às relações entre memória, trauma, gênero e resistência. Assim, reafirma-se a importância da literatura como instrumento de elaboração crítica do passado e de preservação das experiências históricas silenciadas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

ESTEVÃO, Ana Maria Ramos. **Torre das guerreiras**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GUARDIA, Sara Beatriz. **Literatura e escrita feminina na América Latina**. Lima: CEMHAL, 2007.

LENGUITA, Paula; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Vozes entre linhas: memória, silêncio e testemunho feminino nas ditaduras latino-americanas**. 2025.

LIRA, Cristiane. **Mulheres guerrilheiras: representações femininas nas narrativas sobre a ditadura militar brasileira**. 2016. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LIVIERI-GODET, Rita; GARCIA, Flávia Arruda. Literatura e ditadura: memória, trauma e resistência. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 61, 2020.

PILLA, Maria. **Volto semana que vem**. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditadura e memória: narrativas femininas sobre o autoritarismo no Cone Sul**. 2019.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.